

PROFESSORES E A ÉTICA PARA O FUTURO

António Camilo Cunha
Instituto de Estudos da Criança
Universidade do Minho

A reflexão faz referência às dinâmicas de mudança (moral e ética...) no contexto da pós-modernidade. No caso educativo/formativo (formação de professores) assiste-se também a mudanças no contexto da profissionalidade (sentido social – intervenção social e humanidade) que se traduzem em mudanças, na ética profissional e pessoal. Deste facto enfatiza-se também, que professores são, inquestionavelmente, forças que representam o futuro no presente...

1 – Introdução

Todas as éticas até hoje conhecidas sugerem que a condição humana, determinada pela natureza do homem e pela natureza das coisas era um dado intemporal.

Fazer determinadas coisas e evitar outras, estipular regras de cumprimento e obediência era uma condição, um princípio moral. Esta é a tradição.

Em contrapartida com o desenvolvimento das sociedades (técnica) constatou-se uma mudança na natureza da acção humana – Mudança na moral e na ética. Novos objectivos de acção foram acrescentados ao material empírico, emergindo novas regras e condutas... É pegando nesta constatação de Hans Jonas, que desenvolveremos a defesa de uma nova responsabilidade na formação ética profissional de professores... ancorada agora no futuro...

2 – Desenvolvimento

A reflexão assenta na análise à ética (mudança na ética – pluralidade ética) e suas implicações na formação e na dimensão profissional (Identidade) dos professores.

Neste contexto emerge a defesa de novos caminhos possíveis materializados numa maior profissionalidade, sentido social e Humanidade...

Partimos de Hans Jonas e os seus textos “Ética, Medicina e Técnica”; “Técnica e Responsabilidade: Reflexão sobre as novas tarefas de Ética”, bem como as reflexões de António Casais sobre as suas obras (Hans Jonas), como bases teóricas para a nossa reflexão.

A era tecnológica que é a nossa assistiu a uma mudança qualitativa da natureza da acção humana e corroe as premissas antropológicas em que repousavam todas as éticas tradicionais,

comprometendo assim a possibilidade de se emitirem juízos de valor consistentes sobre os efeitos das nossas acções e a vaidade das antigas prescrições acerca da conduta individual e colectiva, doravante alterada ao ponto de as tornar vãs e inconsequentes. A questão da diferença humana da técnica moderna face à que a precedeu – e que os Gregos definiram como a *tekne* – resumir-se-ia pois ao seguinte: na era de *tekne*, é a imutabilidade da ordem cósmica que surge como pano de fundo originário da acção humana, a qual se quedava no interior dos muros da polis e pressupunha uma correspondente permanência e inalterabilidade da natureza humana; o alcance das prescrições éticas reduzia-se ao âmbito da relação com o próximo no momento presente, o que configura uma ética da contemporaneidade; por outro lado, a intuição do valor intrínseco do agir não exigia necessariamente um conhecimento superior ao do senso comum (como dirá ainda Descartes, o bom senso é a qualidade humana melhor repartida por todos os espíritos: a formulação do juízo de valor não requeria qualquer conhecimento especializado, sendo por isso acessível a todos os homens) – era uma ética antropocêntrica (Cascais 1994). Em contrapartida, a moderna intervenção tecnológica do homem alterou a biosfera, e alterou-a radicalmente na sua anterior qualidade de pano de fundo seguro e perene condição de possibilidade da própria acção humana.

Deste modo, para Jonas, temos doravante uma relação de responsabilidade com a natureza porque ela se encontra em nosso poder. Temos assim que, por um lado, uma nova prescrição ética deve erigir-se por mor da natureza e não apenas por mor do bem humano; por outro lado, a imprevisibilidade das mudanças provocadas no pano de fundo natural pela acção da técnica moderna introduz uma dimensão temporal na ética.

Ilustram-nos exemplarmente os textos de Jonas que abarcam o aspecto particular da manipulação tecnológica da natureza no interior do indivíduo...

A natureza alterada da acção humana altera então a própria natureza da ética e da política.

Deixam de se restringir ao âmbito da polis e alargam-se ao âmbito da megapolis em que se transformou o nosso espaço planetário, no qual já não há fronteira entre o mundus humano da cidade civilizada e a natureza virgem (que o não é já, nem fora nem dentro de nós). Assim, para Jonas, a presença do homem no mundo, de dado primeiro e inquestionável base de sustentação de toda e qualquer ordem moral, que era, transformou-se agora em objecto de obrigação, a obrigação de a preservarmos nessa mesma qualidade.

Nesta assunção Jonas adianta novos imperativos morais. Este critica os antigos imperativos éticos de que o imperativo kantiano é o último grande exemplo («Age de tal maneira que possas desejar que o princípio da tua acção se venha a transformar numa lei universal» ou: «Age de tal maneira que possas sempre tratar o teu semelhante como um fim em

si e nunca como um meio»), Jonas formula um novo imperativo que se poderia enunciar como: «Age de tal maneira que os efeitos da tua acção sejam compatíveis com a permanência da vida humana genuína» ou: «Não comprometas as condições de uma continuação indefinida da humanidade na terra» - vocação não .- Antropocêntrica...que alonga a noção de Bem humano à preservação da natureza (dentro e fora do indivíduo).

Com efeito, Jonas afirma que aquilo que devemos evitar a todo o custo é determinado por aquilo que devemos preservar a todo o custo, sendo este, por sua vez, predicado da nossa imagem do homem, a qual só pode ser dada por uma razão secularizada e especulativa susceptível de fundar os deveres do homem para consigo próprio, a sua posteridade longínqua e a plenitude da vida terrestre sujeita ao seu domínio, de tal modo que uma filosofia da natureza deverá articular o «é» cientificamente validável com o “deve” das injunções morais.

Perante estes novos contextos Jonas faz a seguinte pergunta:

“Que força há-de representar o futuro no presente?”

Apesar de ser uma questão de difícil resposta, ele adianta quatro forças:

- a) Os sábios – O poder deve estar com os sábios, pois sabem o valor de prudência...
- b) A Força das ideias desinteressadas...
- c) A ciência, no entanto apresenta algumas reservas em relação à Ciência, pois a sobrançeria, a ganância e o medo leva à criação de normas rígidas...
- d) A religião, não pelo recurso ao sagrado e ao medo mas pela integração da virtude e sabedoria...

Contudo refere que a religião como força mediadora da alma nos pode já ser convocada em socorro da ética. Enquanto que de fé se pode dizer que ela existe ou não existe, a ética é preciso que ela exista...

Que força (Ética) há-de representar o futuro no presente?

Dizemos: Os professores...

Como profissionais virtuosos, que podem convocar a sabedoria, a força das ideias desinteressadas, o conhecimento científico humanizado e a espiritualidade como força moderadora da alma...

Neste contexto sai a defesa de uma Nova Profissionalidade (viver do ensino e viver para o ensino...); um novo sentido social (intervenção social – grande Polis...) e a Humanidade (os professores dos alunos...)

Referência Bibliográficas

Cascais, A. (1994). Salvar que natureza e que homem? (In) *Ética, Medicina e Técnica*. Edições Vega. Lisboa.

Jonas, H. (1994). *Ética, Medicina e Técnica*. Editora Vega. Lisboa.

Jonas, H. (1994). Técnica e Responsabilidade. Reflexão sobre as novas tarefas de Ética (In) *Ética, Medicina e Técnica*. Edições Vega. Lisboa.